



DIDI-HUBERMAN: REFLEXÕES SOBRE A SÍNTESE E O SINTOMA NA TEORIA DA ARTE

Altamir Moreira

UFSM

Na obra *Devant L'Image* (1990), Didi-Huberman questiona o “tom de certitude” adotado pela história da arte em livros que se esforçam para dar a impressão de que seu objeto foi apreendido e reconhecido em todas suas faces, como se o passado fosse passível de ser elucidado sem restos e o *visível* ser contido apenas no fechamento daquilo que se deixa reduzir ao *legível*. Além de criticar o modelo hegemônico de história da arte, derivado da teoria de Panofsky, o historiador francês também discorre sobre os textos históricos que fundamentaram a disciplina. Evidenciando, dessa forma, que os aspectos racionalistas que procuravam excluir a contradição do campo da arte estavam presentes desde o marco inicial, inaugurado por Vasari, no século XVI.

Conforme Didi-Huberman (1990), o modelo humanista de uma história, que sob dependência da *idéia*, busca uma coerência interna à custa de ignorar seu objeto para que a síntese lógica não seja afetada, é o que se manteve até nossos dias. E este modelo, apesar de já ter se demonstrado muitas vezes insuficiente perante as obras que não se enquadram em categorias precisas, se manteve inabalável, graças ao prestígio de sua ligação às ciências humanas e ao pretense caráter universal de seus pressupostos teóricos. Porém, para esse teórico são justamente os aspectos visuais inquietantes, não contemplados pela visão estruturalista da arte, que deveriam ser destacados no estudo da imagem.



XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

Em contraposição ao modelo kantiano da síntese, ele destaca o paradigma do *sintoma*, junto a outras terminologias derivadas principalmente do campo da psicanálise freudiana, enquanto conceitos adequados. Não como forma de substituição de uma tese hegemônica pela tirania de sua antítese, mas como propostas nas quais se vislumbram meios que poderiam adequar melhor a história da arte às inquietações teóricas suscitadas por seu objeto.

Didi-Huberman, ao enfatizar a potência *sintomática* das imagens através de documentos contemporâneos à produção destas, mantém a coerência de sua crítica a Michael Baxandall, a quem censura por ter se utilizado de documentos históricos com 30 anos de defasagem na análise de uma obra de Fra Angélico. Porém, ao estruturar os documentos utilizados em *Devant L'Image*, Didi-Huberman tece uma série de argumentos suscetíveis de generalizações em nível mais universal, de uma forma que, sem dúvida, parece tornar esses documentos algo como ilustrações de uma visão crítica, que nesse gesto, perdem seu impacto transcendente. Uma situação problemática, que se desvela sempre que uma extensa exemplificação é utilizada apenas para sustentar a definição de um *a priori* (HUCHET, 1998, p. 07- 23). Enfim esses são alguns dos problemas que devem ser considerados por todo o leitor que pretenda ter uma visão crítica do legado teórico de Didi-Huberman, problemas que, no entanto, não diminuem o mérito dos questionamentos que ousou propor em relação aos métodos e teorias vigentes na história da arte.

História da Arte; Sintoma; Minimalismo.